Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3210unse

o XXXII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Novembro de 1956 – N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

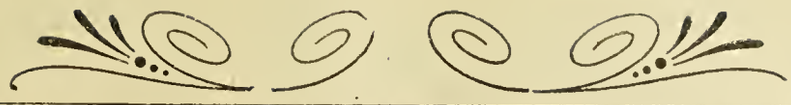
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
1 5 2006

SUMÁRIO

Cristianismo e Espiritismo . . . . *Redação*
O Suicida . . . . . *Ismael Gomes Braga*
Deus e Universo . . . . . *Henrique Rodrigues*
Brilhante discurso do Deputado Cid Franco sôbre a intolerância religiosa no nisocômio de Mandaqui . . *«Diário Oficial», São Paulo*
O Espiritismo no Brasil . . . . . *Leopoldo Machado*
Somos Descendentes de Símios? . . *V. O. Casella*
A Luz Interior . . . . . *Bianor Medeiros*
Gracinda Batista . . . . . *Redação*
Solilóquio . . . . . *Manuel Cavaco*
E, Jesus mais uma vez falou... . . *Tte. Cel. Levino C. Wischral*
Livros e Autores . . . . . *Waldemiro Pereira*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . . *Redação*



Natal dos Pobres

Prezado confrade

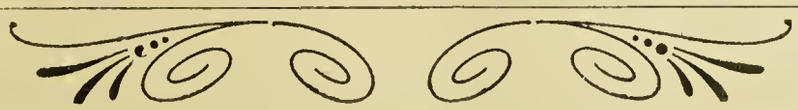
Paz em Jesus

O Natal está se aproximando. Nesse dia a cristandade rende as suas homenagens, num preito de gratidão, a Jesus, nosso Mestre. Como nos anos anteriores, a União Municipal Espírita de Matão, realizará o «Natal dos Pobres», distribuindo entre os necessitados as dádivas que por seu intermédio lhes forem ofertadas, as quais podem ser em dinheiro, gêneros alimentícios e roupas mesmo usadas. E' este, sem dúvida, um gesto que agradará a Jesus, que é amigo dos pobres e dos humildes.

Certa de que será atendida no seu justo pedido, a Comissão encarregada de promover o Natal dos Pobres, agradece-lhe de coração antecipadamente, almejando-lhe feliz Natal e um próspero Ano de 1957.

A COMISSÃO

D. Chiquita Fonseca
Izabel Camargo
Antonia P. S. Campêlo
Zélia S. Perche
Edeny Gonçalves
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde da Cunha
Donata Casadei de Oliveira
Leticia Morceli Olson
Elza Olson
Candida Gonçalves Coelho
Olga Coelho
Rosa Fonseca Fratini
Anita Sampaio Miniussi
Palmira Pedro Troleze
Carmem Torres



Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
O Consolador
Gotas de Luz
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Jesus no Lar
Os Mensageiros
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXXII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1956 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Cristianismo e Espiritismo

COMO sempre afirmamos, o Cristianismo e o Espiritismo se completam em seus objetivos, em suas finalidades. Ambos guardam unidade de espírito, de trabalho, de ação, visando o mesmo alvo, que é impulsionar o progresso da humanidade na senda da Perfeição. Jesus lançou as bases, competindo ao Espiritismo, como Paracleto da Promessa, ampliar a fundo o sentido do Cristianismo e revelar novas cousas, o que efetivamente está se verificando.

Dizemos que Jesus lançou as bases, porque está escrito que não há outro fundamento além daquele lançado por Jesus, a saber, o amor ao próximo, a imortalidade da alma, a reencarnação e a pluralidade dos mundos habitados. E' verdade que no Evangelho há muitas cousas obscuras e que parecem até contraditórias, mas isto não altera a essência do trabalho de Jesus e sua finalidade, pois cada um dos estudiosos pode pôr no seu devido lugar o que lhe parece confuso ou contraditório. Além disso cremos que Jesus tinha fôrças suficientes para não deixar fazer algo que pudesse efetivamente invalidar o sentido de sua doutrina, dos seus ensinos. Pelo menos assim deve pensar quem confia em Deus e em Jesus.

Sôbre as bases lançadas por Jesus, podemos dizer que o amor ao próximo representa a moral, a mais pura moral que conhecemos e que uma vez posta em prática, nos fará possuidores do reino de Deus, que é um estado feliz da alma que sabe amar o seu próximo.

A imortalidade da alma não é um preceito, mas uma revelação de Jesus muitas vezes repetida, por exemplo, no seu colóquio com Elias e Moisés no Monte Tabôr, quando expeliu Ele os chamados espíritos imundos e quando Ele mesmo ressuscitou para selar as suas demonstrações imortalistas.

Jesus lançou a idéia da reencarnação no seu encontro com Nicodemos, bem como a idéia da pluralidade dos mundos habitados quando disse: «Na casa de meu Pai há muitas moradas».

Mas Jesus, como Ele mesmo afirmou, não podia explicar detalhadamente essas cousas ao povo do seu tempo, porque este não estava em condições de compreender. Esta tarefa ficara a cargo do Espiritismo, o Paracleto, quando viesse, porque nessa ocasião a humanidade teria atingido o ponto de uma melhor assimilação das cousas que lhe fossem ensinadas, precisamente o que está se verificando atualmente. De maneira que é sôbre esses fundamentos lançados por Jesus e que constituem a pedra angular que os edificadores regeitaram, isto é a Revelação, que é a sua Igreja, que o Espiritismo está ampliando os conhecimen-

tos humanos. E' à luz deste portentoso farol que o Cristianismo está sendo compreendido em toda a sua grandeza. Se assim não fôra, o Cristianismo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, continuaria incompreendido e estaria ainda sob o alqueire dos interêsses e preconceitos humanos. O Espiritismo o tirou de sob o alqueire, colocando-o no velador das consciências para que todos acelerem o seu progresso na senda da Perfeição.

Pelo seu trabalho na evangelização e espiritualização da humanidade, Cristianismo e Espiritismo formam um todo, não se devendo colocar um abaixo do outro.

E' o que nos dizem cérebro e coração.

O Suicida

Estudando a obra monumental «*Memórias de um suicida*», chegamos a compreender a mentalidade do suicida, êsse estado d'alma anormal que se opõe ao instinto natural de conservação existente em todos os sêres vivos, e leva o homem a praticar uma violência inteiramente oposta às leis da vida.

O Autor mesmo do livro nos dá a chave para essa compreensão. Êle se apresenta como grande criminoso, reincidente através dos séculos e milênios. No ano 33 da nossa Era, foi êle um dos que vociferaram do meio do povo pela crucificação de Jesus, com a simples finalidade de lisonjear os judeus influentes e disso tirar proventos pessoais. Nenhuma convicção ou animosidade tinha êle contra o Rabi da Galiléia, nem lhe conhecia os ensinos.

Muitos séculos mais tarde, fez-se sacerdote católico com a intenção exclusiva de tornar-se inquisidor e tirar cruel vingança contra um rival mais feliz, a quem sua noiva preferira. E levou a vingança a todos os requintes de crueldade: por meio de torturas no corpo da vítima, forçou a infeliz esposa a ceder à sua volúpia animalesca; vazou com ferro em brasa os olhos do desafeto inocente, forçando-o ao desespêro do suicídio.

Nêsse encadeado milenário de crimes, progrediu intelectualmente, chegou a ser um dos mais brilhantes escritores de nosso idioma, tornando-se mesmo modêlo clássico a cada passo citado; tornou-se violentamente orgulhoso de seu saber; mas era, como não poderia deixar de ser, um Espírito atormentado pelo remorso e submetido a encarnações expiatórias.

Em sua encarnação do século 19 tinha que pagar com a cegueira o crime cometido como inquisidor. Viveu sempre atormentado pela pobreza, pelo orgulho, pela insatisfação, até o momento duro da grande expiação: — a cegueira. Vendo-se irremediàvelmente cego e pobre, dependente dos outros, desesperou e deu um tiro no ouvido, havendo-se precipitado no mais horrível dos infernos.

A mentalidade do suicida surge dêsse relato.

E' um Espírito atormentado pelas suas faltas passadas, incapaz de conformar-se com as provas e expiações que lhe enchem a vida. Sem encontrar paz e serenidade em si mesmo, encara o sofrimento de seu ângulo particular de pessimista. Um fato que pareceria simples para outrem, como, por exemplo, um amor contrariado, toma proporções gigantescas em sua alma e o leva aos desatinos do homicídio ou do suicídio.

Sente-se num inferno permanente e supõe ilusòriamente que poderá pôr termo a tudo, destruindo-se; mas sofre decepção de verificar que só destruiu o instrumento de sua redenção, o corpo, e continua mais vivo e mais sofredor do que nunca.

Êsse estado d'alma de permanente ansiedade é a chave para compreendermos a mentalidade do suicida.

O nosso herói, autor dêsse maravilhoso livro recebido pela mediunidade de Yvonne A. Pereira, demonstra, no entanto, que a Lei é inexorável, mas a misericórdia não deixa abandonado o infeliz que a violou. Êle é assistido, reeducado, instruído para recomeçar a prova em que falhou. Em mais de meio século no mundo astral, foram-lhe facul-

tados todos os meios para a vitória na próxima encarnação.

Já deve estar de novo encarnado, nas margens do Tejo. Será médium curador e psicógrafo. Receberá obras de valor educativo mundial, em Esperanto. Para tudo isso se preparou demoradamente sob a orientação de mestres sábios e amorosos. Até aos 40 anos de idade terá vista e realizará uma grande obra em benefício da Humanidade.

Essa obra imensa de médium poderá encher-lhe o coração de alegria sã que lhe dará fôrças para vencer vinte anos de cegueira. Mesmo como cego ainda poderá prestar serviços, e, consequentemente, ser feliz.

Se não falhar em nenhum pormenor de seu programa, já estará hoje com uns doze anos de idade. Dentro de mais uns dez anos estará conhecido como grande médium curador. Aprenderá então o Esperanto, ou, mais exatamente, recordará o que aprendeu no mundo espiritual, e começará a receber obras de real valor literário e doutrinário no idioma mundial. Irá em ascensão brilhante até por volta de 1983, quando ficará irremediàvelmente cego e viverá em trevas até 2.003, aproximadamente. É êste o programa traçado, mas sabemos que muitas vêzes, infelizmente, falhamos no programa que trazemos.

A propósito da obra esperantista desse futuro médium, talvez seja oportuno outro artiguete para os leitores leigos no assunto.

ISMAEL GOMES BRAGA.

DEUS E UNIVERSO

HENRIQUE RODRIGUES

— V —

Era nosso propósito analisar o livro «DEUS E UNIVERSO», em suas minúcias. Mas isso levaria tempo, porquanto essa obra é um manancial inesgotável de contradições, não só com o que o autor escreveu e «recebeu» antes, como também com a razão, a lógica e os fatos. Seus pontos capitais foram contestados, quais sejam: «a queda dos anjos», o «inferno eterno» a «involução», que foi antéposta à «evolução progressiva». Meus argumentos foram os mesmos expedidos por «SUA VOZ», na «A Grande Síntese» e por Ubaldi em seus trabalhos posteriores, como sejam os que vão de «AS NOURES» até «ASCENÇÕES HUMANAS».

Argumentos houve que ficaram de pé, ou ficarão sempre, incontestes na demolição da obra «DEUS E UNIVERSO». O próprio autor confirma isto, em seu trabalho «Conclusão», impresso na revista «Santa Aliança do Terceiro Milênio», n.° 13.

Sabe sobejamente o professor que a tese da «queda» é insubsistente em seu livro. Pretendeu, pois, reforçá-la em escritos posteriores, sem conseguir seu intento.

Diz o Prof. no livro «DEUS E UNIVERSO», pág. 202:

«Então a zona de conhecimento que, sendo diretamente inacessível, fôra indiretamente comunicada sob forma de advertência, *a fim de que fôsse aceita pela fé*, esta zona, *que os espíritos obedientes conquistaram por crer e obedecer...*»

Se, logo após sua criação, havia espíritos *obedientes*, o Deus da «queda» não foi perfeito em sua criação, pois gerou também espíritos «desobedientes». Interessante é que o Prof. pouco antes afirma que «Deus fez os sêres «anjos» livres, à sua imagem e semelhança». Não se sabe que tipo de liberdade foi essa, que impõe uma «advertência do dever de aceitarem não pela razão, mas pela fé».

Não sabemos se, com base no que está acima, o autor pretendeu igualmente que a tese da «queda» do «inferno» e da «involução», fôsse igualmente aceita pela fé, pois dentro dos quadros da liberdade de raciocínio, ela foi rechaçada.

Para fugir ao campo da razão, Ubaldi exclama na pág. 204: «Deus que nos salve dos dilemas, que parecem uma tenaz de aço, mas que nada comprimem,

porque ao fim se descobre que um dos seus braços era fictício».

A coerência é fator fundamental para a perfeição. Que o Prof. anatematize «os dilemas», vá lá, mas que se insurja contra êles, quando os «dilemas» lhe destroem a tese, isso é pretender para si e negar o mesmo aos outros. Vejamos se a coerência do Prof. o afasta dos «dilemas». Diz êle na pág. 197, apelando para o «dilema», a fim de justificar uma preposição :

«...parece que não podemos fugir ao dilema seguinte :» Segue-se o dilema.

Em que ficamos, fugimos ou buscamos os «dilemas» ? A incoerência prova a falta de convicção na matéria.

No trabalho «Conclusão», acima citado, mais uma vez o Prof. repisa o passo evolutivo do inorgânico para o orgânico, outra coisa não quer elucidar ao dizer : «Que longo caminho para se transformar do mineral até à matéria cerebral ! Quantas elaborações a percorrer para atingir êste estado por intermédio das plantas e dos animais inferiores». Seria mais oportuno, em razão do trabalho que estava fazendo, que o Prof. explicasse como foi dado o passo do «orgânico para o inorgânico», fenômeno até hoje ignorado que se apresenta como tremenda lacuna para a aceitação da «quéda» e da «involução». Por que o Prof. não faz um artigo nêsse sentido ?

Está bem claro que a tese da «queda» deverá ser aceita *por um ato de fé*, não pelo uso da razão. Além do que já dissemos em linhas anteriores, juntasse essa insinuação para o abandono da razão no caso de «DEUS E UNIVERSO», Diz o Prof. em «Conclusão», pag. 12 :

«Com esta teoria podemos explicarnos também tantas formas psicológicas *que o homem aceita sem discutir, como axiomas com os quais todos (?) concordam e que por isso não precisam de ser demonstradas*». Eis aí a pregação do «crê sem indagar os motivos» ; da fé acima da razão, do dogma, da intimidação e do apêlo para submersão na ignorancia. Para católico, isso serve ; para outros, não.

A contradição do Prof. não foi apenas no caso dos «dilemas». Vejamos outra :

«Como aqui está registrado, a visão me apareceu, em vinte etapas ou capítulos, no silêncio tumular daquelas noites hibernais». (DEUS E UNIVERSO, Introdução, pág. 11).

Ao lado do que está acima, colocamos :

«Concluindo, poderemos aceitar a *teoria* da queda, como a *hipótese* hoje *mais aceitável* (?), pela razão de que ela resolve o maior número de problemas. Isto na esperança de encontrar amanhã outra teoria que complete e aperfeiçôe esta, que para o momento fica a que melhor até hoje nós possuimos».

Se o livro «DEUS E UNIVERSO» foi fruto de «visões», não é possível que seus aspectos sejam agora defendidos como TEORIA. Visão é uma coisa, muito oposta e diferente de *teoria*. Teoria é hipótese, como o próprio autor bem define, e hipótese não significa REALIDADE. Hipóteses e teorias sôbre a gênese da vida, existem muitas, todas elas com a mesma pretenção da do Prof., de serem o retrato do real. Assim, como no caso dos dilemas, perguntariamos :

A tese da «queda» e da «involução» foi uma visão ou é uma hipótese teórica ? Foi visão ou alucinação ? A teoria (agora) da tesse não é aceita, como pretende o Prof. *pela maioria*, pelo contrário, pois nem mesmo a minoria católica nela acredita unanimemente. Não devemos sacar contra o abstrato, pois um pesquisador exigente pode demonstrar falta de fundos para a cobertura de nosso saque. A maioria da humanidade não aceita a «queda».

Também é sugestível que o próprio Ubaldi diga que a hipótese ou a teoria da «queda» resolve o *maior número de problemas. Êle é quem diz que resolve o maior número*. Mesmo assim, lembraremos que o maior número não é a totalidade, e que para o Prof. confessar tal resultado, é porque deve ter comprovado a existência de numerosos fatos que a hipótese da «queda» não resolve, ou que se chocam contra ela. Caso contrário, êle teria dito que as hipóteses e teorias defendidas no livro «DEUS E UNIVERSO» explicariam todos os fenômenos sôbre os quais o homem lançasse sua investigação. Mas será que o Prof. nunca pretendeu dizer isso ? Vejamos se já teve essa pretenção e se não recuou, embora tarde.

Diz o livro DEUS E UNIVERSO, pag. 193 :

«A ÚNICA TEORIA QUE CONCILIA E RESOLVE TUDO É A DA QUÉDA». Se a eliminarmos, acaba-se em um mar de contradições e NADA SE RESOLVE.»

Quem entrou num mar de contradições foi o Prof., na tentativa de remendar a tese.

Em «Conclusões» diz que «RESOLVE O MAIOR NÚMERO».

Em «DEUS E UNIVERSO» diz que «RESOLVE TUDO».

Em que ficamos: resolve «TUDO» ou o «MAIOR NÚMERO»?

Vale a afirmativa do «DEUS E UNIVERSO» ou o remendo exarado em «CONCLUSÕES», pag. 15, revista «Santa Aliança do Terceiro Milênio», n.° 13, ano 2.° — 1956?

Quem como nós estudou a obra de Ubaldi, fazendo inúmeras anotações em suas páginas, estruturando um índice de assuntos tem, por visão direta, a percepção de qualquer afirmativa que não se «engaste» na jóia que êle produziu. Encerramos aqui nossa contestação ao livro «DEUS E UNIVERSO», com a mesma admiração e respeito, por êsse luminar, êsse missionário abnegado, êsse seareiro humilde e valoroso, que é o Prof. PIETRO UBALDI.

Rua Quimberlita, 490—Belo Horizonte—Minas.

Brilhante Discurso do Deputado Cid Franco sôbre a intolerância religiosa no nisocômio de Mandaqui

Apartes de Solidariedade de Diversos Deputados — Duas Sentenças de Janio Quadros invalidam a ação sectarista

Do «Diário Oficial do Estado de São Paulo», de 28 de Setembro último, transcrevemos abaixo o brilhante discurso proferido pelo Deputado Cid Franco sôbre a intolerância religiosa verificada no nisocômio de Mandaqui e que fere frontalmente a Carta Magna, que faculta a todo brasileiro o livre exercício de sua religião.

Os sectaristas, vendo frustada a sua primeira tentativa por uma sentença do Governador Janio Quadros, voltaram à carga sob a alegação de que o Espiritismo é uma ciência e não uma religião e que portanto não podia ser praticado no referido nisocômio. Mas Janio Quadros novamente invalidou a pretenção sectarista com outra sentença.

Como vemos, o clero «cavou» outro subterfúgio para impedir a propagação do Espiritismo, afirmando por sua própria conta que esta Doutrina não pode ser ministrada por não ser uma religião e sim uma ciência. Mas a Verdade, no fim, sempre triunfa.

Eis o discurso do Deputado Cid Franco, com os apartes dos seus colegas, todos solidários com êle:

O SR. CID FRANCO — Sr. Presidente e Srs. deputados, os espíritas estão proibidos de levar assistência religiosa, a doentes do Hospital Sanatório do Mandaqui.

A proibição é inconstitucional e desumana. Inconstitucional, porque está em desacôrdo com os parágrafos 7.° e 9.° do Artigo 141 da Constituição Brasileira, onde encontramos êstes preceitos: «E' inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo o dos que contrariem a ordem pública ou os bons costumes». «Sem constrangimento dos favorecidos, será prestada por brasileiro assistência às fôrças armadas e, *quando solicitada pelos interessados ou seus representantes legais, também nos estabelecimentos de internação coletiva*».

Violou-se a liberdade de consciência e de crença de tuberculosos que solicitaram, num sanatório do Estado, a assistência da religião que professam.

E será necessário grande número de argumentos em defesa da segunda parte de nossa afirmação? Cremos que basta dizer que a proibição seria desumana mes-

mo que prejudicasse pessoas sãs. Mas são doentes. São homens tuberculosos. A proibição constitui uma brutalidade revoltante.

Acresce que não se trata de sessões espíritas própriamente. Não se vinham realizando experiências metapsíquicas. Eram pregações, eram palestras, eram explicações da doutrina, interpretações do Evangelho pelo espiritismo.

Pois bem. A intolerância religiosa conseguiu proibir êsse trabalho de assistência espiritual. De que forma? Valendo-se de pareceres sectários. Um deles chega ao absurdo de argumentar com o número, com a quantidade, com a «religião da maioria», e ainda com um estranho contrato firmado com determinada congregação religiosa. Elementos dessa congregação, pelo contrato, só prestam serviços ao hospital condicionando-os ao seu culto religioso.

Mas êsse contrato não fere o princípio constitucional da liberdade de consciência e de crença? Poderiam os espíritas, os protestantes, os budistas, os adeptos de qualquer religião impor o seu próprio culto como condição de serviços a serem prestados a doentes num hospital do govêrno? Ou mesmo num hospital particular? E podem faze lo os que se baseiam no argumento da «maioria»?

Que absurdo, que injustiça e que atraso a proibição que estamos comentando!

Outro parecer que a possibilitou, Srs. deputados, manifesta não apenas um estreito sectarismo, como principalmente uma ridícula ignorância do assunto que examina. «Importa salientar — diz êle — que nos referimos à assistência que aos internados pode dar qualquer religião. Nem por sombra nos ocorre cogitar do espiritismo, porquanto o espiritismo, não é religião».

Pobre Kardec! Para que todo o seu esfôrço, todo o seu idealismo, todo o seu trabalho de codificador da doutrina? Para que a pregação de «O Evangelho segundo o Espiritismo»?

Surge no século XX, em São Paulo, uma obra maior do que a sua. E' o parecer de três laudas de um jurista oficial, que diz — e sua voz trovejará com sabedoria irrespondível, abalando céus e terras: «O espiritismo não é religião»...

A intolerância que está prejudicando os doentes espíritas do Hospital Sanatório do Mandaqui manchará para sempre êste governo, se não forem tomadas medidas contra ela.

Medidas humanas e justas. Medidas que imponham o respeito à liberdade de consciência e de crença. Medidas que tornem respeitadas todas as religiões.

Não é necessario que qualquer de nós seja um Ramakrishna para ter na mente e no coração êsse respeito. Basta não desejarmos para os outros o mal que não desejamos para nós. Basta que nos imaginemos no lugar daqueles tuberculosos espíritas privados de ouvir a palavra dos seus irmãos de crença.

O SR. OSNY SILVEIRA — (Com assentimento do orador) — Desejo cumprimentar V. Exa. pela oportunidade do discurso brilhantissimo que está pronunciando. Não há realmente ocasião em que a alma humana mais necessite do confôrto da religião, seja ela qual fôr, do que quando a criatura se encontra doente. O Governo deveria facilitar o acesso a todos os hospitais, tanto quanto a todas as prisões, dêsses homens e mulheres imbuídos do verdadeiro espírito do cristianismo, que, seja qual fôr o ramo da religião que adotem ou os preceitos filosóficos que sigam, se preocupam com os concidadãos, com as criaturas humanas que sofrem, às vezes, isoladas, esquecidas de todos, a gama de sofrimentos que nem a imaginação humana pode talvez traduzir. O que acontece com os espíritas acontece, em muitos hospitais, com os evangélicos.

O SR. CID FRANCO — E' exato.

O SR. OSNY SILVEIRA — Acontece também em algumas cadeias públicas, lugares a que também chega a voz dos que se preocupam com os problemas de ordem moral e espiritual. De sorte que V. Exa. ao levantar êste problema e ao debatê-lo com a elevação e autoridade moral reconhecida e inconteste de V. Exa., presta um serviço não apenas aos elementos que no caso estão sendo sacrificados, mas a toda a consciência liberal de nossa gente, a todo o cristianismo, a todas as religiões. Assim, espero que a sua voz não caia em ouvidos moucos, mas possa ser ouvida e atendida.

O SR. CID FRANCO — Srs. deputados, o aparte do nobre colega Osny Silveira vem reforçar a nossa argumentação, vem contribuir para que êste apêlo beneficíe também os evangélicos. Não ignoramos que no próprio Hospital Sanatório

do Mandaqui os evangélicos, assim como os espíritas, encontram as dificuldades da intolerância e do sectarismo.

Agradecemos ao nobre deputado Osny Silveira o precioso apoio que nos dá.

Diziamos há pouco, Sr. Presidente e Srs. deputados, que não é necessário que qualquer de nós seja um Ramakrishna para ter na mente e no coração o respeito a todas as religiões. Basta não desejarmos para os outros o mal que não desejamos para nós. Sim, basta que nos imaginemos no lugar daqueles tuberculosos, privados de ouvir a palavra dos seus irmãos de crença.

Falamos em Ramakrishna. «Sua missão — como escreve um discípulo — foi demonstrar, com um exemplo vivo, como um homem verdadeiramente espiritual, estando morto para o mundo dos sentidos, pode viver num plano espiritual de consciência divina; foi provar que cada alma individual é imortal e potencialmente divina. Sua missão foi estabelecer a harmonia entre as seitas e credos religiosos. Pela primeira vez, Ramakrishna demonstrou que todas as religiões são como outros tantos caminhos que conduzem ao mesmo fim; que a realização da mesma Existência Todo-Poderosa é o mais elevado ideal do cristianismo, do maometanismo, do judaismo, do zoroastrismo e do hinduismo, como também o de todas as outras religiões menos importantes do mundo».

Mesmo sem que nos aproximemos da grandeza espiritual de Ramakrishna, podemos praticar êsse respeito a todas as religiões.

Infelizmente, não sabem ainda praticá-lo os intolerantes que não permitem a tuberculosos espíritas, num hospital do Estado, o consôlo de ouvirem pregações — simples pregações — por êles mesmos solicitadas.

O SR. FARABULINI JUNIOR — (Com assentimento do orador) — Nobre deputado Cid Franco, desejo solidarizar-me com V. Excia. e permita-me V. Excia. conste do brilhante discurso que vem fazendo o meu apêlo também ao Governo do Estado para que possa cair o parecer a que V. Excia. se refere, e que possam os doentes espíritas, que estão isolados do resto do mundo, ter o seu pequeno mundo com base nas suas aspirações religiosas e naquilo que sua consciência determinar, a fim de que não sejam feridos na sua alta dignidade de sêres humanos. Não pode ser omitida esta parte muito séria do ser humano, que é a liberdade de pensar e de agir. Por conseguinte, nobre deputado Cid Franco, encerrando minhas considerações, acima dessa inconstitucionalidade flagrante, acima disso que V. Excia. bem disse, eu me permito repetir agora: isto é desumanidade.

O SR. CID FRANCO — Agradecemos o aparte do nobre deputado Farabulini Junior.

E dizer-se que comemoramos, há dias, o 10.º aniversário de uma Constituição que preceitua: «E' inviolável a liberdade de consciência e de crença»... A assistência religiosa será prestada, «quando solicitada pelos interessados ou seus representantes legais, também nos estabelecimentos de internação coletiva»...

Que ironia!

Srs. deputados, protestando contra a inconstitucional e desumana proibição, o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo enviou ao Governador do Estado um ofício que consideramos um modêlo de argumentação e um exemplo de dignidade. Está assinado pelo ex-deputado Francisco Carlos de Castro Neves, presidente; pelo jornalista e escritor J. Herculano Pires, vice-presidente, e pelo jornalista Wandyck Freitas.

São os seguintes os têrmos do notável documento, que incorporamos ao nosso discurso:

(*Lê*) «Exmo. Sr. Dr. Jânio Quadros, DD. Governador do Estado de São Paulo:

Diante de nova proibição do trabalho semanal de assistência religiosa aos doentes espíritas do Hospital Sanatório do Mandaqui, o Club dos Jornalistas Espíritas sente-se obrigado a voltar à presença de V. Excia. para respeitosamente expor o seguinte:

1 — A tentativa anterior, levada a efeito por meios violentos, foi sustada pelo despacho de V. Excia., que firmou o princípio de absoluto respeito à liberdade de consciência e de culto nos próprios do Estado, de acôrdo com os preceitos constitucionais e o espírito do regime democrático.

2 — A nova tentativa está sendo realizada por meios sutís, através de pareceres sectários, exarados no próprio Palácio dos Campos Elisios, e nos quais se procura impor o pretenso «direito da maioria», ao mesmo tempo que demons-

trar o indemonstrável, ou seja, que o Espiritismo não seria religião.

3 — A simples leitura por um espírito sereno e imparcial como V. Excia., dos pareceres a que aludimos, — e que incrivelmente serviram de base para nova proibição das reuniões do Mandaqui, — revelará a falta de isenção dos seus autores que pretendem transformar os hospitais do Estado em novas espécies de feudos religiosos, em pleno século vinte.

4 — A argumentação contrária à natureza religiosa do Espiritismo é destituida de qualquer fundamento, atingindo as raias da afronta, quando pretende apoiar-se nos próprios mestres da doutrina espírita. Os autores dos pareceres desconhecem não só a Doutrina Espírita, como a própria história do Espiritismo, e argumentam tão sómente em defesa de interêsses religiosos dominantes em nosso pais. A controvérsia sôbre a natureza da doutrina, se científica ou religiosa, foi natural, no início da sua propagação, há um século, mas está hoje superada. Basta dizer que Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, o apresenta como III Revelação, cumprimento da profecia evangélica do Espírito Consolador, sequência natural da Revelação Mosaica e da Revelação Cristã, o que se vê na sua obra «O Evangelho segundo o Espiritismo», um dos livros básicos da codificação doutrinária.

5 — Conan Doyle, o célebre escritor inglês, que é também o maior historiador do Espiritismo, escreveu tôda uma obra, «A Religião Psíquica», para demonstrar a natureza religiosa da doutrina. No Brasil, a tradição espírita, que vem desde os primeiros núcleos fundados no Rio, é essencialmente religiosa, como se vê pela história e pela natureza atual da Federação Espírita Brasileira, do Conselho Federativo Nacional, das Federações Estaduais e da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, entidade que reúne mais de oitocentas organizações espíritas religiosas do nosso Estado. O mais antigo dos grupos espíritas do país, fundado no Rio por volta de 1853, pelo historiador Mello Morais, e frequentado pelo Marquês de Olinda, o Visconde de Uberaba e outras figuras exponenciais da época, era uma instituição religiosa e não científica. E ainda no último Congresso Pan Americano de Espiritismo, realizado no Rio de Janeiro, em 1948, as delegações nacionais defenderam a tese da preeminência do caráter religioso da Doutrina Espírita. Negar ao Espiritismo a sua natureza religiosa, a pretexto de exaltar o seu aspecto científico, é simplesmente revelar o mais absoluto desconhecimento do problema espírita. Negar essa natureza ao movimento espírita brasileiro, e querer transformá-lo num movimento científico, chega a ser pitoresco. Nosso povo não pratica a ciência, mas a religião espírita, com uma dedicação e uma fé que nada ficam a dever às demais religiões existentes no país. A propósito, convém lembrar a afirmação do professor Fernando Magalhães, na memorável sessão da Academia Nacional de Medicina, noticiada pelo «Jornal do Comércio» de 6 de Novembro de 1909, na qual alguns médicos se levantaram contra o Espiritismo. Disse o notável mestre patrício: «O Espiritismo é uma religião e, como tal, a mais consoladora que pode haver».

6 — Neste momento, quando o Espiritismo acaba de ser reconhecido oficialmente, na Inglaterra e na Argentina, como religião, essa tentativa de negar, entre nós, o seu caráter religioso, não pode encontrar justificativa. Na Inglaterra, por iniciativa de Lord Dowding, Marechal da RAF e ex-comandante da defesa aérea de Londres, o Parlamento reconheceu, no ano passado, o Espiritismo como religião, e Lord De L'Isle and Dudley, Ministro do Ar de Sua Magestade, comunicou o fato a Lord Dowding, transmitindo depois à Imprensa os seguintes termos da resolução parlamentar sancionada pelo Governo: « a) O Espiritismo é reconhecido como religião no Serviço Militar.

b) Aos militares espíritas das três armas — Exército, Marinha e Aviação — assiste o direito de anotação de sua crença espírita nos documentos militares e nos respectivos distintivos de reconhecimento.

(Conclúe no próximo número).

Não vos preocupeis com os tropeços postos no vosso caminho pelos vossos semelhantes. Se tendes a certeza de que cumpris os vossos deveres na seára, também deveis ter a certeza de que Deus está ao vosso lado. E infeliz será aquele que pelejar contra Deus. — CAMARGO.

O Espiritismo no Brasil

LEOPOLDO MACHADO

O fenômeno espírita é de todos os tempos.

E de todas as raças e povos, e de todas as terras e nações, de todas religiões e crenças.

Mas, os fatos espíritas, que teriam de chamar a atenção do mundo para uma coisa nova e diferente; os fatos, que teriam de assombrar o mundo e de fazer-se uma ciência nova, uma nova filosia e religião; esses fatos vieram dos Estados Unidos.

E foram aí os estudos em primeiro lugar.

E aí guindados à categoria de uma ciência nova: a Metapsíquica!

O ano de 1850 teria que ficar na História como a «estaca zero» do calendário metapsíquico!

Da América, a noticia dos fatos pularia para a França, que era, então, o cérebro do mundo.

Ai, além da codificação perfeita da nova doutrina, a Metapsíquica se cristalizaria com Gustavo Geley. E, principalmente, com Charles Richet.

E, de sua codificação, sairia ela, a doutrina nova feita Ciência; a Ciência da Imortalidade. E se imporia como filosofia profunda: a Filosofia do Espírito. E se afirmaria, também, como religião: a Religião filoso-científica do Evangelho.

Da França, subiria novamente, à lingua inglesa; seria, na Inglaterra, considerada, por fôrça de estudos e documentação de sábios como Russel Wallace, Cronwell Varley e William Crookes, feito ciência de verdade.

E desceria à Italia.

Na lingua italiana, em consequência da mediunidade de Eusapia Paladino e dos trabalhos admiráveis de Ernesto Bozzano, se celebraria como filosofia indiscutível do Espírito.

E se desdobraria até a lingua alemã e russa para se celebrizar, com Fred Zoellners e Aksakoff principalmente, como a ciência filosófica da Imortalidade.

Na lingua espanhola seria perseguida a fogo.

Sofreria ai a primeira grande perseguição, com o Auto-de-Fé de Barcelona...

Faltava-lhe o sentido religioso, que seria o seu melhor aspecto.

Era a parte que devia caber ao Brasil.

Entrou, por isso, no Brasil, em nome de Deus, Cristo e Caridade, a curar, a um só tempo, o espírito e o corpo. A curar o espírito a preces e passes; e a curar o corpo, com aguinhas fluidas e com doses de homeopatia.

E foram dois estranjeiros — um, Vicente Martins, filho da terra que codificou o Espiritismo — que o trouxeram, em 1848, para o Brasil, a significar, para os que têm olhos de ver, o sentido humanitário e cristão que teria o Espiritismo de viver no Brasil...

Quer isso dizer que já existia espiritismo no Brasil, antes que o termo Espiritismo fosse criado; antes que seu codificador soubesse que êle iria assinar-se Allan Kardec.

E, quando entrou no Brasil, foi a intelectualidade brasileira — como, de resto, em toda parte — que, primeiro, se preocupou com êle.

Dominou, primeiro, o cérebro.

Depois, desceu ao coração.

E no coração do Brasileiro tem permanecido.

E permanecerá, que, para o brasileiro, o Espiritismo é a Religião Científico-Religiosa do Cristo.

E a interpretação perfeita do Evangelho em espírito e verdade.

E o cumprimento da Promessa do Cristo segundo o testemunho de João, (Cap. XIV e XVI) feito aquele Paraclito, aquele Espírito de Verdade, aquele Consolador, que ficaria eternamente conosco.

Somos Descendentes de Símios ?

A ciência, embora não tenha ainda esclarecido em definitivo a origem da raça humana, estejamos certos de que muita coisa ela já nos revelou através dos fósseis encontrados nas páginas das camadas geológicas, êste livro da natureza que encerra a história dos nossos antepassados.

Nesses estudos, os pesquisadores encontram em sequência o caminho da evolução dos sêres viventes, desde os primitivos sêres monocelulares, surgidos há um bilhão de anos, até o presente. Nessa longinqua jornada, houve um momento em que apareceu a raça humana, mas não em um ato espontâneo pelo aparecimento do primeiro casal adâmico, como aceitam os dogmáticos estudiosos da Bíblia. A raça humana é o resultado de um trabalho evolutivo da natureza, e são os fósseis que indicam os nossos ascendentes, a partir do momento em que o ramo da nossa linhagem se desgalhou do tronco da árvore genealógica da vida.

No estudo dos fósseis tem surgido certas controvérsias entre os pesquisadores, mas sòmente em certas particularidades, pois quanto à teoria da raça humana e nossa relação com os nossos ascendentes simiescos, todos êles estão de acôrdo, embora alguns cientistas não admitem um parentesco tão próximo entre o Homem e os Símios, como aceita a maioria.

Mas sem nos determos nessas controvérsias, vamos comentar a teoria mais generalizada entre os biologistas e antropologistas, ou seja, a do Homem-simiesco.

Os fósseis revelam que há 40 milhões de anos, época dos gigantescos dinosauros, um clima extremamente frio e avassalador, pôs fim na era mesozóica, na qual predominavam os répteis, animais de sangue frio, sensíveis a baixas temperaturas. Terminada uma era iniciou-se outra, a cenozóica, com predomínio dos mamíferos, os novos donos da Terra, entre os quais se encontrava uma espécie de pequenos macacos, os primatas, que geralmente habitavam as árvores, ganhando agilidade, com desenvolvimento da visão, garras e pés. Entre êstes o biologista classifica o Homem, tendo surgido aqui o ramo originário da raça humana. Dêsse mesmo tronco, constituido dos primatas, nasceu o ramo dos antropóides (Gibão, Orangotango, Chimpanzé e Gorila). Nestas condições, os ascendentes dos antropóides e os do Homem tiveram um passado em comum, mas na marcha evolutiva o ramo dos antropóides não conseguiu atingir a condição humana, passando estes símios a serem nossos primos mais retardados no caminho da evolução. Interessante que o exame dos fósseis de raças humanas primitivas revelam nas suas peças esqueléticas, uma anatomia que nos leva em sequência sempre em direção aos símios, apesar de que os elos da cadeia de ligação entre nós e os nossos ascendentes ainda não se completou, apresentando lácunas. Mas os poucos fósseis disponíveis, sempre nos aponta a direção simiesca.

Dos fósseis encontrados, além de outros documentos, citamos como exemplo os do Homem-símio de Java, que deve ter existido cêrca de há um milhão de anos. Êste espécime apresenta características, se não bem humana, pelo menos muito aproximada e com acentuados vestígios simiescos. Assim, parece tratar-se de um sêr recém-chegado da raça símia, tendo já atingido os primeiros degraus da condição humana. Comparando-se o volume do seu cérebro, em uma escala evolutiva entre um gorila e o Homem atual, o do Homem-símio de Java medêia aproximadamente entre um e outro. O volume cerebral de um gorila, em média, é de 600 c. c.. Para o do Homem-símio de Java oscila em torno de 900 c. c., que para qualquer indivíduo das raças humanas atuais seria um idiota, visto que o volume médio de cérebro humano atual é de 1.350 c. c.

Com êsses dados, e o exame de outras peças anatômicas dêsse ser primitivo, é facil supor tratar-se de uma raça de transição entre a símia e a humana.

Das épocas posteriores a êsse espécime, meio símio meio homem, fósseis de outras raças humanas primi-

tivas mais evoluidas (o Homem de Pildown, de Neanderthal e outros) foram encontrados, mas sempre com vestígios simiescos, indicando qual o caminho por onde devemos procurar os ascendentes próximos da raça humana.

Assim, nós reencarnacionistas, com êsses informes da ciência, já compreendemos que o ser espiritual, antes de atingir a condição humana, realiza estágio preparatório evolutivo na raça simiesca.

Mas não devemos esquecer que o ser espiritual habitou ainda outros diferentes corpos em épocas longinquas quando sòmente os mares eram habitados.

E êste passado tão distante também deixou marcas bem acentuadas até o presente, as quais se revelam na nossa fase embrionária, cujo assunto cuidaremos oportunamente.

Aqui terminamos êsse trabalho, informando que na obra de André Luiz, «No Mundo Maior», capítulo «Estudando o Cérebro», encontramos belos esclarecimentos relativos à nossa marcha evolutiva.

V. O. CASELLA

A LUZ INTERIOR

Arranjo e Compilação de
BIANÔR MEDEIROS

I. — A humanidade está dividida em dois grandes grupos ou facções: as trevas e a luz. O espírito é de luz ou de trevas. A luz é o distintivo, a característica, o cartão de visita dos cristãos, dos bons espíritos. As trevas são próprias dos espíritos inferiores, ignorantes, revoltados, vencidos. A luz e as trevas não se misturam, não se confundem. Treva é sombra, escuridão, negror, penumbra, obscuridade, invisibilidade, impossibilidade de se exercitar as percepções espirituais. A luz é claridade, clarão, lume, resplendor, reflexo, fulgor, cintilação, brilho, visibilidade perfeita, entendimento claro, saúde mental perfeita. Por isto mesmo o mundo está dividido em duas partes distintas, que se não misturam, que se não confundem: o reino das trevas e o reino da luz, espírito de trevas, espírito de luz, filho das trevas e filho da luz. Por isto também possúe o reino de Deus muitas moradas tanto para os espíritos de luz como para os espíritos de trevas, pois não podem conviver uns com os outros e assim habitam sitios diversos e diferentes pela propria natureza dos seus habitantes como pelo proprio ambiente que edificam. O espirito de luz se caracteriza pela sabedoria espiritual, pelo amor, pela disciplina espiritual, pelo trabalho construtivo e edificante. O espírito de trevas se caracteriza pela ignorancia espiritual, pela revolta, pela indisciplina, pela ociosidade, pelo trabalho destrutivo e prejudicial. O ambiente, o meio, o habitat, o clima espiritual de cada um reflete a sua categoria espiritual, o seu grau de capacidade, a sua propria personalidade.

Para melhor compreendermos o magno problema da iluminação interior e própria é conveniente o estudo do Velho, do Novo Testamento e dos ensinamentos dos espíritos superiores através da revelação espiritual que completaria o ensino da humanidade.

II. — O Velho Testamento:

1. — Isaías, LX, 1, 2:

«Levanta-te, recebe a luz, Jerusalém, porque chegou a tua luz e a glória do Senhor nasceu sôbre ti. Porque as trevas cobrirão a Terra e a escuridão os povos; mas sôbre ti nascerá o Senhor e a sua glória se verá em ti».

III. — O Novo Testamento:

1. — «Eu sou a luz do mundo; o que me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida». (Jesus, segundo João, VII, 12);

2 — «Êle (João Batista) era a candeia que ardia e alumiava» (Jesus, segundo João, V, 35);

3. — «Estejam cingidos os vossos lombos e acesas as vossas candeias» (Jesus, segundo Lucas, XII, 35);

4. — «Então os justos resplandecerão como o sol, no reino do meu Pai» (Jesus, segundo Mateus, V, 16);

5. — «Vós sois a luz do mundo» (Jesus, segundo Mateus, V, 14);

6. — «Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que êles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus» (Jesus, segundo Mateus, V, 16);

7. — «O teu olho é a lucerna do teu corpo. Se o teu olho for simples, todo o teu corpo terá luz. Mas se teu olho for defeituoso, todo o teu corpo estará em trevas. Se pois a luz que há em ti, é trevas, quão grande não serão as próprias trevas!» (Jesus, segundo Mateus, VI, 22 e 23);

8. — «Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João, seu irmão, e levou-os, à parte, a um alto monte e transfigurou-se diante dêles. E o seu rosto ficou refulgente como o sol e as suas vestiduras tornaram-se brancas como a neve». (Mateus, XVII, 1);

9. — «Ainda por um pouco de tempo está a luz convosco. Andai enquanto tendes luz, para que não vos surpreendam as trevas; — quem caminha nas trevas não sabe para onde vai. Enquanto tendes luz, crêde na luz, para que sejais filhos da luz». (Jesus, segundo João, XII, 35, 36);

10. — «Um cego não pode guiar outro cego». (Jesus, segundo Lucas, VI, 39; segundo Mateus, XXIII, 16). Esta frase, interpretada segundo o espírito que vivifica, quer dizer: «um espírito sem luz interior própria não pode guiar ninguém».

IV. — A Doutrina dos Espíritos Superiores

1. — André Luiz — Obreiros da Vida Eterna, fls. 161:

«Os sofredores, já modificados para o bem, apresentarão círculos luminosos característicos em torno de si mesmo, logo que, estejam onde estiverem, concentrem suas fôrças mentais no esfôrço pela própria retificação. Os outros, os impenitentes e mentirosos sistematicos, ainda que pronunciem comovedoras palavras, permanecerão confinados nas nuvens de treva que lhes cercam a mente endurecida no crime».

2. — André Luiz — Obreiros da Vida Eterna — fls. 165:

«Impressionavam-nos as formas monstruosas e miseráveis a se arrastarem vestidas de sombra, quando começaram a chegar entidades aureoladas de luz».

3. — Irmão Jacob (F. F.)—Voltei — em diversas passagens (fls. 165, 166, 136, 137, 55, 56):

«Tomado de assombro, verifiquei que branda luz de um roxo carregado brilhava em torno de mim». (162);

«A lâmpada pode ser acanhada e pobre; no entanto, se possui material equilibrado e perfeito para sintonizar-se com a Séde da Fôrça, produzirá luz e beleza em silêncio». (137);

«Aquí também encontrarás a benção do atrito, no aproveitamento das quais também acenderás a lanterna para a jornada». (136);

«Não te admires da claridade que te rodeia. Ela nasce de ti mesmo. Nasce de tuas energias internas, orientadas para a Bondade Suprema. A concentração de amor verdadeiro produz bendita claridade n'alma. A luz é substância divina gerada nas fontes superiores do Espírito Eterno. Por agora, os raios de tua boa vontade brilharão nas horas culminantes da fé, pela concentração de poderes espirituais na prece; todavia, à medida que te recolhas no exercício legítimo do amor cristão, em demonstrações genuinas de entendimento do Evangelho sentido, vivido e Aplicado, controlarás a tua capacidade irradiante, segundo os ditâmes da própria alma. Ama sem paixão, espera sem angústia, trabalha sem expectativa de recompensa, serve a todos sem perguntar, aprende as lições da vida sem revolta, humilha-te sem ruído, ante os desígnios superiores, renuncía aos teus próprios desejos, sem lágrimas tempestuosas e a vontade justa e compassiva do Pai iluminar-te-á constantemente o coração fraterno e o caminho redentor. Ora, vigia, movimenta-te no esfôrço digno e sê feliz, meu amigo! A tua luz crescerá com a dilatação de teu devotamento ao Bem Infinito». (165/166);

«Escoaram-se alguns minutos e respeitável senhora, ladeada por dois benfeitores, acercou-se de nós. Reconheci-lhe a elevação pela invejável serenidade. Formosa alegria pairava-lhe no semblante calmo. Saudou-nos a todos, simpática e feliz. De todos nós, os recem-chegados (desencarnados) que ali nos reuniamos, era a única de cujo peito irradiava luz.

«A evidente superioridade que a

distanciava de nós parecia afligi-la, tal a modestia que lhe transparecia das atitudes. Bezerra cumprimentou-a, bondoso, e confesso que reparando aquela mulher de maneiras simples, e afaveis, emitindo luminosidade sublime, inopinado sentimento de inveja me assaltou o coração». (55/56).

4. — Emmanuel — Caminho, Verdade e Vida, 318/319:

«Façamos nossa luz. Ante a glória dos mundos evolvidos, das esferas sublimes que povoam o Universo, o estreito campo em que nos agitamos, na Crosta Planetária, é limitado círculo de ação. Se o problema, no entanto, fosse apenas de espaço, nada teriamos a lamentar. A casa pequena e humilde, iluminada de sol e alegria, é paraíso de felicidade. A angustia do nosso plano procede da sombra. A escuridão invade os caminhos em todas as direções. Trevas que nascem da ignorância, da maldade, da insensatez, envolvendo povos, instituições e pessoas. Nevoeiros que assaltam consciências, raciocínios e sentimentos. Em meio da grande noite, é necessário acendamos a nossa luz. Sem isso é impossível encontrar o caminho da libertação. Sem a irradiação brilhante do nosso próprio ser, não podemos ser vistos com facilidade pelos Mensageiros Divinos, que ajudam em nome do Altissimo, e nem auxiliaremos efetivamente a quem quer que seja. E' indispensável organizar o santuário interior e iluminál-o, a fim de que as trevas não nos dominem. E' possível marchar, valendo-nos de luzes alheias. Todavia, sem claridade que nos seja própria, padecemos constante ameaça de queda. Os proprietários das lâmpadas acesas podem afastar-se de nós, convocados pelos montes de elevação que ainda não merecemos. Vale-te, pois, dos luzeiros do caminho, aplica o pavio da boa vontade ao oleo do serviço e da humildade e acende o teu archote para a jornada. Agradece ao que te ilumina por uma hora, por alguns dias, ou por muitos anos, mas não olvides a tua candeia, se não desejas resvalar nos precipícios da estrada longa! O problema fundamental da redenção não se resume a palavras faladas ou escritas. E' muito facil pronunciar belos discursos e prestar excelentes informações, guardando, embora, a cegueira nos próprios olhos. Nossa necessidade básica é de luz própria, de esclarecimento íntimo, de auto-educação, de conversão substancial do eu ao reino de Deus. Podes falar maravilhosamente acerca da vida, argumentar com brilho sôbre a fé, ensinar os valores da crença, comer o pão da consolação, exaltar a paz, recolher flores do bem, aproveitar os frutos da generosidade alheia, conquistar a corôa efêmera do louvor, amontoar títulos diversos que te exornem a personalidade pelos vales do mundo... Tudo isso, em verdade, pode fazer o espírito que se demora, indefinidamente, em certos ângulos da estrada. Todavia, avançar sem luz é impossível».

5. —André Luiz—No Mundo Maior, fls. 202:

«Para que se efetue a jornada iluminativa do espírito é indispensável deslocar a mente, revolver as idéias, renovar as concepções, e modificar, invariavelmente, para o bem maior o modo íntimo de ser, tal qual procedemos com o solo na revivificação da lavoura produtiva ou com qualquer instituto humano em reestruturação para o progresso geral. Negando-se, porém, a alma a receber o auxilio divino, através dos processos de transformação incessante que lhe são oferecidos, em seu benefício próprio, pelas diferentes situações de que os dias se compõem no aprendizado carnal, recolhe-se à margem da estrada, criando paisagens perturbadoras com desejos injusticáveis».

6. — André Luiz — Os Mensageiros, fls. 88:

«Nesse momento, oh Deus de Bondade! alguma coisa imprevista me felicitava o coração. Contrastando às sombras, raios de luz desprendiam-se, ininterruptamente, de nossos corpos. Extraordinária comoção apossou-se-me dalma. Vicente e eu ajoelhamo-nos instintivamente, a um só tempo, banhados em lágrimas, enviamos ao Eterno os nossos profundos agradecimentos, em votos de jubilo fervoroso. Estavamos embriagados de ventura. Era a primeira vez que me vestia de luz, luz que se irradiava de todas as celulas do meu corpo espiritual».

Gracinda Batista

Completou no dia 28 de Setembro último, dez anos de partida para a Pátria Espiritual a nossa querida irmã Gracinda Batista, que foi companheira de vida terrena do nosso companheiro Onofre Batista, um dos mais ardorosos trabalhadores da seára cristã ou seára espírita.

Gracinda Batista, juntamente com o seu companheiro, foi fundadora do Sanatório «Américo Bairral», que de uma simples choupana, é hoje uma das mais importantes instituições espíritas no campo da assistência social, hoje abrigando mais de 700 enfêrmos mentais e tendo à sua frente os confrades Cezar Bianchi e Onofre Batista a quem o Sanatório deve o seu notável progresso, bem como aos demais membros de sua Diretoria, sempre atenciosa e dedicada na sua grandiosa tarefa, pois os enfêrmos são aí tratados como verdadeiros irmãos.

Caritativa e muito prestativa, Gracinda Batista foi o amparo de muitos órfãos, a quem tratava como verdadeiros filhos, dando-lhes educação e a necessária profissão para vencerem na luta pela vida. O seu lar era o amparo de muitos necessitados, um autêntico lar cristão a servir de exemplo para os que desejam ser realmente cristãos

Pela passagem do 10 ° aniversário de desincarne de Gracinda Batista, rendendo-lhe as nossas sinceras homenagens, pedimos a Jesus que lhe proporcione maiores possibilidades de progresso espiritual, e que ela possa sempre ajudar aqueles que pedem o seu auxílio.

Solilóquio

Por Manuel Cavaco

. . . . . .

«Liberdade é o mote escrito
no céu, na terra e no mar;
dí-lo a fera no seu grito
e as aves cruzando o ar;
dí-lo o vento da procela,
a vaga que se encapela
e no espaço, a estrela
em seu contínuo girar».

. . . . . .

Soares de Passos.

Pura ilusão do poeta!...

Precisamente, a estrela tem uma órbita traçada e não se pode desviar dela; e assim como não pode alterar o caminho que lhe foi marcado também não pode parar o seu giro.

O vento também tem rumos marcados; do norte, do sul, do leste, de oeste, de qualquer direção da rosa dos ventos, nunca sopra simultâneamente de dois sentidos diferentes; quando rodopia, são os obstáculos que encontra no seu trajeto, que o forçam a rodopiar e a alterar a sua rota marcada.

A vaga, quando se encapela, a seguir se desfaz contra os rochedos que mal a deixam espraiar-se na areia da praia.

Sem dúvida: é no reino animal onde se gosa mais liberdade apesar da sua restrição às condições existenciais e às circunstâncias do meio onde se vive.

Na selva, a fera pode dar largas ao seu grito tanto quanto lhe permita o seu limitado instinto; no ar, as aves podem cruzá-lo em todos os sentidos e tanto quanto lho consinta a sua especifica

faculdade de voar; mas, num e noutro caso. uma bala certeira, de invenção humana. basta para interromper aquelas liberdades efémeras tão sujeitas a outras contingências caprichosas de liberdades mais efémeras ainda.

O homem, engenhoso e hábil, tem tido a liberdade de colher da árvore da ciência todos os frutos, que a sua imaginação tem concebido; mas a fragilidade de muitos de seus engenhos, a falência dos seus processos e cálculos e a sua ignorância quanto ao potencial das fôrças da natureza que êle pretende dominar, limitam-lhe, a cada instante, a sua efémera liberdade. Todavia, o homem já ultrapassou tanto os limites da sua esfera natural, que se torna muito difícil convencer-se de que a sua liberdade termina onde começa a do seu visinho: e dessa tremenda dificuldade resultam todos os atropelos que tanto amarguram a vida existencial humana.

Na vasta amplidão da meditação, a liberdade consciencial pode alcançar o âmago das causas e ultrapassar os limites dos efeitos; mas, dentro do limitado âmbito existencial, a liberdade é muito restrita por ser relativa às condições existenciais de cada um e às circunstâncias do meio onde se vive, das quais, as mais difíceis de suportar, são ainda as convencionais. Por essa sujeição de relatividade tão diversa e variada, o conceito de liberdade não pode ser igual para todos os humanos; êle deve ser conforme o estado evolutivo de cada um e de cada povo. Certas liberdades toleradas aos indivíduos primários, são inadmissíveis nos indivíduos evoluídos.

Para se estabelecer e conservar um equilíbrio perfeito entre a diferenciação de idade, cultura, evolução e a diversidade de condições existenciais de cada indivíduo e de cada povo, e ainda das circunstâncias dos meios onde se vive, bastaria usar-se como regra de procedimento, aquêles dois ensinamentos do Cristianismo, que preceituam: — «não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti, e faz aos outros aquilo que quererias que te fizessem a ti».

Porto. 13/Julho/956.

E, Jesus mais uma vez falou...

Jesus, Cristo-Médico do corpo e da alma olhando piedoso a agitada turba aflita observou-lhe a aparência angustiante e, amoroso, indagou com doçura:

Está alguém entre vós aflito?

Esta frase ecoou pelo infinito e todos voltaram-se maquinal e instantâneamente para o Santo Homem na ânsia de receberem a paz para seus espíritos sofredores. Mas, é o próprio Mestre quem dá a resposta oferecendo o verdadeiro e único remédio, balsamo para as chagas do corpo e do espírito.

Disse, o Iluminado: — Orai, então!

Daí em diante, só os limpos de coração puderam compreender que a prece, tão só a prece cura dores físicas, esclarece e ameniza tormentos e mazelas da alma.

Especialmente agora, em face das cruciantes catástrofes da alma que geme e se debate, sem saída, nas trevas do lodaçal, ouvimos o Mestre dos Mestres a rogar a Deus com as mesmas palavras de Emmanuel. Eis:

Nosso Pai, que estás em toda parte;

Santificado seja o teu nome, no louvor de todas as criaturas;

Venha a nós o teu reino de amor e sabedoria;

Seja feita a tua vontade, acima dos nossos desejos;

Tanto na Terra, quanto nos círculos espirituais;

O pão nosso do corpo e da alma dá-nos hoje;

Perdôa as nossas dívidas, ensinando-nos a perdoar nossos devedores com esquecimento de todo mal;

Não permitas que venhamos a cair sob os golpes da tentação de nossa própria inferioridade;

Livra-nos do mal que ainda reside em nós mesmos;

Porque só em Ti brilha a luz eterna do reino e do poder, da glória e da paz, da justiça e do amor para sempre!

Assim seja!

Nunca a pobre humanidade sofrera tanto como nestes dias em que a Besta do Apocalípse range enraivecida seus dentes em agoniada convulsão, emitindo roucas e dementes gargalhadas de satânica alegria, de permeio a sofrimentos sem fim.

E a dor, com o passar dos dias, intensifica-se cada vez mais. Cada um se apresenta tal qual é; ninguém mais poderá conservar colada sôbre a face a máscara da hipocrisia, do fingimento; é mistér que venham os escândalos; é imperioso que tudo se torne claro; subterfúgios não mais conseguem disfarçar situações dúbias; a devassa vem como irresistível rôlo compressor para nivelar e harmonizar a obra-prima do Eterno-Construtor tumultuada pelo homem; choro, tristeza, dor e muito sangue é o pesado tributo dessa profanação.

Tremenda e profundamente melancólica é a presente época da separação do joio do trigo que se processa consoante finalidades da Lei de Causas e Efeitos. Jesus de um lado preside essa separação com seus apóstolos, discípulos e escolhidos; doutro lado vemos a Besta em figura de demônio materializado simbolizando a perversidade, a corrupção, a libidinagem e o egoísmo da humanidade.

Todos foram chamados pelo Mestre, todos!

Poucos, bem poucos porém, são os escolhidos. Assim, vemos à direita do Salvador fisionomias radiantes de contentamento formando uma pequena legião, e, ao lado da devassa Besta imoral, oh! infelicidade... colocaram-se, por diabólica imantação, densas e compactas multidões tocadas por louco desespêro, esforçando-se, contudo, para apresentarem ilusória ventura.

Os bemaventurados, os devotos e os puros ainda procuram intervir nessa última e titânica batalha que se trava entre o Bem e o Mal. Aprenderam e sentiram a não desperdiçar um minuto siquer, o descanço e a indiferença não lhes alcança.

Oh! vejam, ali está entre outros luminares Francisco de Assis, envolto por gigantesco facho de luz, de olhos para o Céu, braços e mãos estendidos em súplica para o Alto; parece que Francisco mais uma vez implora:

Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz;
Onde haja ódio, consenti que eu semeie amor;
Perdão onde haja injúria;
Fé onde haja dúvida;
Esperança onde haja desespêro;
Luz onde haja escuridão;
Alegria onde haja tristeza.

Divino Mestre! Permiti que eu não procure
Tanto ser consolado quanto consolar;
Ser compreendido quanto compreender;
Ser amado quanto amar.

Porque é dando que receberemos;
Perdoando é que somos perdoados;
E morrendo é que nascemos para a Vida Eterna.

Como eletrizado pelas palavras ouvidas acalmou-se, pouco a pouco, a ira daquele inferno de gritos dementados. O lúgubre «Inferno», poêma de Dante, apenas pode ser comparado a um local importuno de penas suaves em confronto com a atual situação.

Enquanto dos Céus se começava a ouvir, como celestial sinfonia tranquilizadora, a própria voz do Evangelho, como há dois mil anos atrás, aproxima-se agora Jesus que a todos torna calados e imoveis como lívidas estátuas de mármore. O Mestre, em meio a imensa montanha de luz e amor, fixa misericordioso, de fisionomia meiga e serena, a infeliz turba lançada aos suplicios físicos e morais pelas largas portas das tentações; afastaram-se cada vez mais de Jesus...

Parecia que o Evangelho interrogava austero, a cada um dos presentes à grande assembléia:

Que fizeste dos meus ensinamentos?

Era, pois, o dia do Juizo Final, o grande Dia, o bíblico Dia da prestação de contas de cada um!

No meio de profundo e significativo silêncio, a turba permanecia grave ante seu exame; arrependidos e cheios de remorsos cada qual ouvia a voz lúcida se sua consciência que no íntimo bradava alto a exigir reparação. Os pingos dos *ii* e o til mencionados pelo Cristo exigiam colocação em lugar certo e seguro, enquanto, a voz potente pe-

netrava perscrutante no âmago de cada criatura como se perguntasse novamente:

Meu irmão que fizeste em dois mil anos?

E a voz recitava, agora, o prólogo do sermão do monte.

Como um milagroso passe mágico foi a multidão infeliz reconduzida a viver, de corpo e alma, àquele longínquo tempo em que o Redentor vivera entre os homens. O remoto tempo se tornou, então atual; todos sentiram em poucos segundos o viver saudoso; lá estavam vivendo e ouvindo novamente o Homem Santo dos Milagres!

Estranhamente, familiarizavam-se, agora, com o Sermão da Montanha ao ser recitado o seguinte:

Percorria Jesus todas as terras ensinando nos templos e sinagógas, pregando o Evangelho do Reino de Deus, curando todas as enfermidades e sofrimentos entre o povo, e, a sua fama correu mundo.

Traziam-lhe os que padeciam acometidos de várias moléstias e tormentos, os endemoninhados, os paralíticos, os lunáticos, os cegos, os mudos, os morféticos.

Parecia até que muitos dêles se reconheciam como sendo certos estropiados daqueles que aí desfilavam naquela mísera romaria sem fim cujos componentes vinham da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia, Assiria e de além Jordão.

Queriam ao Mestre; queriam a viva fôrça tocá-lo ao mesmo tempo porque descobriram que Dêle saía virtude que curava os enfêrmos e aliviava os desesperados.

E o bom e paciente Pastor vendo a multidão perturbada e comprimida subiu a um monte acercando-se Dêle os seus discípulos.

Agora, maravilhados e estupefatos ouviam, novamente, a autêntica voz de Jesus nos atuais e tormentosos dias, assim como há milhares de anos era Êle ouvido orientando e amparando seu querindo rebanho.

E nós? Nós, também, ouvimo-lo em nossos arroubos e meditações. Os êxtases espaciais nos levam à grande Assembléia da separação para o balanço das boas e más ações. Lá, nos é permitido cotejar a conduta através da milenária jornada pelo tempo e pelo espaço; lá, cada um se julga e se condena em face de seus próprios crimes, deslizes, imperfeições e má vontade. E' o tribunal sem juizes, é o Tribunal Divino.

Firme, penetrante e doce ouvimos Jesus a dizer:

> Bemaventurados os pobres de espírito, os simples e humildes porque dêles é o reino dos céus.
> Bemaventurados os que choram penalizados porque êles serão consolados.
> Bemaventurados os mansos e resignados porque sentirão a paz na terra.
> Bemaventurados os que têem fome e sêde de justiça porque serão fartos pela justiça do Pai.
> Bemaventurados os que sofrem perseguições por causa de atos justos, terão a paz em seus corações.
> Bemaventurados os que, por minha causa, forem injuriados e perseguidos porque terão no Céu a sua recompensa.

E a massa ensôfrega cada vez mais se acotovelava em torno do Mestre que irradiava amor, luz e suavidade reconfortante! Tranquilo e extasiado lançava Jesus o seu olhar como a sondar o horizonte azul continuando seu sermão:

> Bemaventurados os misericordiosos porque êles alcançarão o amparo do Alto.
> Bemaventurados os limpos de coração porque êles verão a Deus.
> Bemaventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus.
> Exultai e alegrai-vos se assim fôr cumprido!

Ainda estamos a ouvir suas palavras finais:

> «Glória a Deus nas alturas, paz e muita paz na terra aos homens de boa vontade!»

Esta é a mensagem do Amor Universal do Criador a todos os sêres; é o último convite à salvação.

Ainda sob a impressão de uma luta gigantesca entre o EU superior e o seu inimigo, o EU inferior, acordamos enfim, assombrados de tão penoso e tremendo pesadêlo, desse auto-julgamento

que se processava no Tribunal Divino. Voltávamos de um sonho verdadeiro, e, rápido apossamo-nos do nosso corpo físico como quem apressado veste uma couraça para se defender ou ocultar; nossa consciência ardia!...

Agora, enquanto nós nos espreguiçávamos sôbre o imerecido colchão macio, que algumas vezes deveria ser taxado de ladrão de tempo precioso, instintivamente ligamos o nosso aparelho de cabeceira e, de pronto, captamos as milagrosas ondas hertzianas que, cedo, mui cedo, a querida Tamoio irradia aos quatro ventos, tal como o sol amigo envia seus raios de vida e luz em plena aurora. Daquela estação recebemos as mensagens salvadoras impregnadas dos efluvios benéficos de Francisco de Assis e emitidas a todos os lares através dos telhados, como diz certa passagem evangélica.

Da séde, falava ao mundo o grande Zarur, abordando o tema das religiões irmanadas no seu programa da Boa Vontade. Lá estava o esforçado seguidor do Mestre, de madrugada, dando, por mais estranho que pareça, prosseguimento ao sermão do monte, sentido e ouvido por nós em sonho, exàtamente onde o interrompemos quando acordamos.

E' possível que Jesus, o iluminado Mestre, na época moderna em que vivemos, teria dito como ouviamos agora no rádio:

Ninguém terá paz nêste mundo se não tiver boa vontade para com as Leis de Deus, especialmente, para com a Lei do Amor; nenhum mandamento será violado impunemente.

Tenhamos boa vontade para com os necessitados do corpo e da alma; boa vontade entre religiões, seitas e doutrinas e seus fiéis; boa vontade entre partidos políticos e seus prosélitos. Boa vontade entre patrões e empregados, entre ricos e pobres, entre brancos e pretos, entre chefes e subordinados.

Ninguém terá sossêgo e paz de espírito se não tiver boa vontade e amor pelo próximo. Boa vontade em todos os momentos da vida, especialmente nos lares, nas ruas, nas praças públicas, na sociedade, nos balcões, nos guichets, nos hospitais, quarteis e penitenciárias. Boa vontade nos aglomerados humanos, nos apertados transportes coletivos, nos trens, bondes e lotações. Boa vontade em ajudar os que estão em dificuldades, aos aflitos, aos angustiados e, também, aos que choram e aos que se maldizem e maldizem até a Deus.

Boa vontade, enfim, para não proferirmos o seco, fácil e desagradável NÃO àquele que, confiante e ansiado, nos suplica um caridoso SIM!

Só a boa vontade transmitirá ao coração inquieto a tão desejada, quanto milagrosa, paz de espírito, necessária e essencial para comparecermos confiantes ao Dia do Juizo Final!

Pax!

Tte. Cel. Levino C. Wischral.

LIVROS E AUTORES — *Tradução de* Waldemiro Pereira

«UMA GRANDE VIDA», de *Leopoldo Machado*

De «Constancia», revista portenha de Julho de 1956.

O livro que faltava, o livro que põe asas a uma vida gloriosa, de trajetoria rara. A pena, sempre valiosa e clara, de um estilo inconfundivel, tal como é a de *Leopoldo Machado*, o grande militante, cuidou de fazer um estudo biográfico da vida de *Cairbar Schutel*, êsse paradigma magnifico da lição sempre oportuna no combate integral pela sobrevivência e difusão dos princípios fundamentais da codificação kardeciana. Combate leal e inteiramente sentido como uma mensagem de liberdade e um avanço da nova civilização, mais verdadeiramente cristã, mais fraterna e mais seguidora das grandes verdades reveladas para a consecução do reino de Deus na Terra.

Em uma ótima apresentação, a *Casa Editora «O Clarim»*, de Matão, São Paulo, Brasil, lançou êste livro, encadernado, de 130 páginas, que se inicia com um *A modo de prólogo*, de *José da Costa Filho*, o criterioso escritor que tem conquistado um lugar de destaque nas filas dos semeadores da doutrina do Meigo Jesus, tal como surge dos ensi-

namentos luminosos que o Espiritismo brinda, sem preconceitos nem ofensas.

Desta obra e mediante a valiosa pena de *Machado*, surge a vida gloriosamente exemplar na pregação evangélica, que foi toda a trajetória de *Cairbar Schutel*, pioneiro na mais ampla acepção da palavra. Mostra-nos, desde sua infância, em grandes traços, a vida de Cairbar, feita de fé e de luz, de convicção e de luta, de amor e de coragem indomável, de certeza e de conhecimento. E, assim, o homem, o lutador, o irmão, o amigo e o conselheiro, o dirigente e mesmo o pai, desenvolve, hora por hora, o grande livro da vida e ensina, ensina sempre. A leitura deste livro, cuja venda é, totalmente, em benefício do «*Lar de Jesus*» de Nova Iguaçu (a alma, a casa e mesmo a vida de Leopoldo) é proveitosa por muitos conceitos, pois reconforta ver como os líderes e mestres, cuja herança recebemos, nem sempre (para não dizermos nunca) têem feito outra coisa senão lutar sem desfalecimentos, procurando difundir as grandes verdades que têem sentido brotar dentro de si mesmo. Cairbar foi, sem dúvida, uma grande vida humana a serviço de uma grande causa; sua ação evangélica é de todos os tempos e nos toca a todos os homens e nada pode destruir o indestrutível. Desde seus pais (Antero Schutel) e sua infância, seu avô (Dr. Enrique Schutel) que o tomou a seus cuidados, suas primeiras letras, seu título de farmacêutico, obtido aos 17 anos de idade, ser o primeiro Prefeito do município de Matão e sua ação política antes de ingressar no Espiritismo, sua iniciação na doutrina de que iria ser um grande missionário, tudo desfila, com emoção e clareza, com exaltada alegria, nas páginas dêste livro construtivo que, mui calorosamente, recomendamos. Sòmente vivendo os exemplos eternos dos mestres condutores é como nos poderemos sentir reconfortados, com novas fôrças, para seguir avante na luta da integral difusão doutrinária em que nos achamos empenhados.

«*Uma Grande Vida: Cairbar Schutel*», de *Leopoldo Machado*, é um livro valioso, uma lição necessária, sem a qual não se pode fazer um conceito acertado das alegrias e dos dissabores que surgem da militança espírita, cheia de renúncia, nas aras do cumprimento estrito do que entendemos por dever irrenunciavel. Bom pela editora, bom pelo autor e bom pela lição de Cairbar, de cuja inteireza e qualidades já temos generosas referências. Esta leitura é, acima de tudo, uma lição a mais.

Crônica Estrangeira

Um Bebê de três anos da Ilha Maurice afirma ser a reincarnação dum pescador afogado

«Spiritualisme Moderne»

René Buffet

O Coronel Rochas e a regressão

A regressão da memória experimental é perfeitamente conhecida e praticada na Europa desde 1893!

Durante dezessete anos, até 1910, êle estudou detalhadamente dezenove casos, e cada vez êle controlou minunciosamente as declarações da pessoa. E a maior parte dos pacientes não só se lembraram de uma vida anterior, mas três, quatro e mesmo uma vez onze incarnações sucessivas, até antes do Cristo! Certo é que os pacientes não se lembraram dos detalhes.

«Muitos outros retomaram as experiências de Rochas. Eu mesmo assisti a muitas regressões da memória, geralmente fragmentárias.

«Existem também regressões expontâneas. Sobretudo elas se produzem em crianças, mas não duram mais, porque rapidamente perdem a memória do além».

A Criança e o Pescador

O facto se passou na ilha Maurice, do oceano índico, outróra chamada ilha de França e o espantoso fenômeno foi atestado por uma testemunha irrecusável: Malcon

de Chazal, escritor que André Breton tornou conhecido na França. O herói é um menininho, um bebê que ainda não tem três anos, de nome Chetanadava, um pequeno indiano, cujos antepassados, como a maioria dos Indo-Mauricianos, vieram para a ilha no século XVII ou XVIII.

Como todo mundo em Maurice, os Indo-Mauricianos falam entre êles a deliciosa gíria creoula, mas naturalmente usam o indú, a língua de sua raça. Assim, na vila de Castel, onde nasceu Chetanadava, ficaram surpreendidos quando o menino começou a falar, ouvi-o exprimir-se quasi exclusivamente em creoulo e com uma volubilidade extraordinária. Depois, certo dia, êle declarou: — Antes... eu era Sreeram Jankoo e eu morri na água: entre os «bêbêtes» (peixinhos)...

Sreeram Jankoo era bem conhecido, era da vila vizinha de Vacoas. Era um pescador, um moço alto ainda jovem, absolutamente analfabeto, bem simples, vocabulário tão restrito que, para designar os peixes, êle dizia os «bêbêtes», como o menino. Cerca de um ano antes do nascimento de Chetanadava, o pescador partiu certa manhã para a pesca nas paragens da ilha Plate, uma ilhota do litoral, sua piroga virou. Ele se afogou. Assim, Sreeram se havia reincarnado em Chetanadava...

Isto não surpreendeu esses Indús. Entretanto êles levaram o filho a Vacoas.

— Ali está a minha casa! disse o menino, mostrando a choça do pescador defunto. E aí está minha mulher... e aquele é meu filho!

Ele apontava a viúva e o filho do morto, um moço de quinze anos. E as testemunhas dessa cena viram estupefatos êsse pequeno homem tomar o tom e os gestos dum adulto. Nesse dia, êle deu sôbre a vida de Sreeram, sôbre o seu comportamento de marido e pai, detalhes que ninguém poderia ter soprado.

Em seguida levaram Chetanadava a seus pais, mas era evidente que êle sentia mais atração pela família de Sreeram... Um dia uma velha entrou na casa. A criança saltou-lhe ao pescoço exclamando:

— Mamãe! Mamãe!

Era a mãe do afogado!

A história desta reincarnação correu rapidamente pela ilha Maurice. Muita gente veio de Port-Louis, de Mahebourg, de Souillac, para ver o menino. O garotinho nem sempre responde de boa vontade aos curiosos vindos questioná-lo, mas quando êle está disposto, fala longamente, com volubilidade, na gíria creoula de Sreeram Jankoo...

45 minutos no Outro Mundo

Entrei na ante câmara da morte

CINCINNATI, *(Ohio) — Um homem «morreu» por 45 minutos. Um violento colapso provocou a «morte», durante a qual êle «sentiu» estar deveras morto e para sempre. Todavia, a rápida intervenção dos médicos, logrou que o coração pulsasse novamente.*

Depois de algumas semanas, o homem Joseph H. Dressman, voltou a circular, tranquilamente pelas ruas da cidade e, sendo jornalista, a sua primeira preocupação foi a de revelar aos leitores as «sensações» de sua pessoal e excepcional aventura.

Foi assim que na «Semana dos Agradecimentos», o «Cincinnati Times Star» publicou o extraordinário relatório de Joseph H. Dressman.

A aventura no além do jornalista norte-americano iniciou-se exàtamente ao meio-dia no início de fevereiro do corrente ano, quando consultou o seu médico particular para tratar-se de um resfriado. Na manhã dêsse dia, quando se encontrava na redação, sentira calafrios e uma sensível alteração de temperatura. O médico mandou que tirasse o paletó e arregaçasse a manga da camisa. Aplicou lhe uma injeção de penicilina. Por uma estranha coincidência, Joseph esqueceu se de levar ao conhecimento do médico acusar uma particular sensibilidade negativa em relação ao remédio.

A aventura de Joseph ingressara pela porta de um acontecimento banal, para a sua fase drámatica. E eis como êle mesmo a descreve:

«Comecei a sentir caimbras nas mãos e nas pernas, um fenômeno por mim bastante conhecido. Interrompi a conversação e, após uma ligeira pausa, levantei-me ràpidamente, apoiei-me à mesa e inclinando-me para o doutor, perguntei-lhe: «Por acaso o senhor aplicou-me uma injeção de penicilina?» O médico compreendeu imediatamente a gravidade da situação, mas dissimulando a sua preo-

cupação interrogou-me: «E' alérgico?» Senti que as fôrças me abandonavam. Caí sentado numa cadeira providencial: a caimbra estava invadindo todo o corpo. Percebi que o médico agia com rapidez, mas com suficiente «self control». Conhecendo os fenômenos alérgicos êle sabia certamente como portar-se.

— Poucos médicos possuem, pronta para o uso, uma seringa de adrenalina e, ainda um número menor possuem em seu consultório uma bomba de oxigênio. O meu médico, no entanto, possuía ambas as coisas. Injetou-me imediatamente a adrenalina para estimular a ação cardíaca. Depois, auxiliado pela enfermeira, deitou-me sôbre a mesa, na característica posição do colapso, isto é, com os pés para cima. Estava sob o efeito de um formidável «choque». Todavia, havia algo na situação!— teòricamente deveria estar desacordado. Todavia eu podia seguir e posso ainda lembrar lùcidamente tudo o que estava acontecendo no consultório. O médico deu-me oxigênio, enquanto eu era preso de um violento ataque de asma. Vi a enfermeira aproximar-se do telefone e chamar uma ambulância da polícia. Depois de cinco minutos, o tenente James Hunt e seu ajudante Billy Snape estavam à disposição do médico. Parecia-me estar completamente afastado do meu corpo, parecia tê-lo abandonado para colocar-me ao lado do médico, do tenente, de Billy e da enfermeira. Participava dos esforços para devolver-me à vida. Involuntàriamente esbocei um gesto que contribuiu para salvar-me.

«Sem avaliar naturalmente a importância do ato, afastei de meu nariz, de alguns centimetros; o cano de borracha ligado ao tubo de oxigênio. Foi-me dito, depois, que nas condições em que me encontrava, o exigênio puro poderia ter-me matado. Tinha superado, portanto, sem o saber, um dos momentos mais cruciantes, enquanto o médico e o pessoal da ambulância consultavam-se.

«Durante duas horas, o médico, o tenente Hunt e o agente Billy Snape lutaram para salvar-me. Ouvi perfeitamente o tenente Hunt dizer-me: «Você vai escrever um belo artigo desta vez, Joseph».

«Eu compreendia, mas com os reflexos entorpecidos, não estava em condições de responder. Sentia-me fora da minha carne e dos meus ossos. Via-me estendido naquela esquisita posição, como havia visto muitos moribundos. Todavia, lograva raciocinar com frieza: «Meu velho, dizia eu a mim mesmo, chegou a tua hora. Estás sem fôrças».

«Três horas haviam se escoado desde quando ingressara no consultório. O médico tomou-me a pressão. Ouvi-o dizer ao tenente Hunt: «noventa mas continua descendo». Estava morrendo lentamente. Depois o médico disse que não conseguia sentir as minhas pulsações, que o coração parecia ter parado. Hunt aproximou-se. Também as suas tentativas malograram. O meu coração deixara de bater. Isso durou 45 minutos, mas aconteceu o inacreditável: no plano técnico, como costumamos dizer na gíria jornalista, eu estava morto e, no entanto, estava perfeitamente ciente do que sucedia.

«Esforcei-me para fazer funcionar os meus pulmões. Procurei respirar, mas sem êxito. E, por três vezes, pensei que a melhor maneira de resolver tudo era a de renunciar a qualquer ulterior tentativa de sobreviver. Tentei comunicar a minha intenção ao médico e ao tenente Hunt. Êstes continuavam a encorajar-me. Duas vezes seguidas ouvi alguém dizer-me: «Joseph», resista». Nesse instante, perdi as fôrças derradeiras e exalei o último suspiro.

«O médico espetou-me algo nas costas, agulhas ou qualquer coisa dêsse gênero, para a respiração artificial. As pequenas cicatrizes ainda são visíveis no meu corpo. Enfim, como Deus quiz, a fase culminante da crise terminou. A pressão voltou a subir, e os rostos sorridentes do tenente Hunt e do médico deixaram-me compreender que o meu coração voltara a pulsar. Respirei novamente, mas com enorme dificuldade. Com tôdas as necessárias cautelas fui transportado para um hospital, onde permaneci dois dias, quase encerrado numa tenda de oxigênio.

«Para restabelecer-me completamente foram suficientes duas semanas do mais absoluto repouso». (Ansa).

De «Mundo Espírita»

Kreisler — O menino prodígio

«Kreisler foi legítimo representante da classe dos meninos prodígios. Nascido em Viena, no ano de 1875, tocava aos quatro anos num violino em miniatura.

O pai, médico vienense, deu-lhe as primeiras lições. Dentro em pouco, insistia êle por tomar parte num quarteto organizado pelos amigos do pai, e êstes, afim de dissuadí-lo, incumbiram-no de uma das partes mais difíceis. Encantados com a segurança e a pureza da sua execução, foram silenciando os seus instrumentos, de um a um, enquanto o pequeno Fritz, prosseguia sozinho, esquecido de todos e de tudo, a não ser a própria música.

Aos seis anos entrou para o Conservatório de Viena, sendo o mais jovem aluno a fazer parte daquela instituição em toda a sua história. Recebeu aos dez anos, a medalha de ouro, indo então para o Conservatório de Paris, onde, aos doze, obteve a maior das honras ali conferidas: o *Grand Prix*.

Tinha Fritz catorze anos, quando efetuou a sua primeira tournê pelos Estados Unidos, juntamente com o pianista Rosenthal. Até hoje êle ainda se ri, ao lembrar-se de um episódio em 1889. Em Butte, que era então uma rústica cidade de aventureiros e exploradores, a «Chaconne» de Bach, que fazia parte do programa, pareceu-lhe uma peça um tanto austera para aquele auditório, motivo pelo qual resolveu substituí-la, à última hora, pelo «Carnaval de Veneza». Já tarde da noite, despertou subitamente, ouvindo alguém bater à porta com uma energia assustadora. Era um *cowboy*, acompanhado da filha, ainda pequenina. Apontando o número de programa que fôra omitido, declarou que desejava ouvi-lo ali mesmo, e já — senão a coisa acabava mal... Ao dizê-lo, apalpava o cano da pistola, ameaçadoramente. Kreister tocou a peça inteira. «E' uma porcaria», disse o *cowboy*, e lá se foi arrastando a filha...»

(Resumido de Coleções)

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 177.998,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

Novos Representantes

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes em Belo Horizonte, Minas, que o confrade sr. José Silvério de Amorim, com escritório à rua Rio de Janeiro, 282, 5.° andar, sala 503, foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com Autorização para receber, reformar e angariar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

—

Comunicamos aos nossos prezados confrades residentes na cidade de Nazaré, Bahia, que o confrade José de Freitas, foi nomeado nosso Representante nessa cidade, com Autorização para receber, angariar e reformar assinaturas para «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária mensal, realizada em 6 de Outubro de 1956

Á hora regimental, profere o Presidente do Conselho a prece inicial e declara abertos os trabalhos, dos quais participa o confrade João Ghignone, presidente da Federação Espírita do Paraná. E' lida e aprovada a Ata da reunião anterior.

Santa Catarina — O Representante, Conselheiro Manuel Bernardino, lê informações recebidas do Presidente Osvaldo Melo sôbre o movimento intenso, na propaganda da Doutrina, verificado em recentes viagens pelo Estado, comunicando, ainda, a inauguração do Curso

de Aprendizado do Esperanto, com animadora matrícula; a reabertura das aulas do Curso de Preparação de Doutrinadores das Escolas Evangélicas; a renovação da diretoria da Juventude e grandes serviços prestados pelos Departamentos Médico e Odontológico.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão lê uma carta da USE, referente a notável trabalho sôbre Allan Kardec, sua biografia e obras, da autoria do Dr. Canuto Abreu, resolvendo o Conselho apelar para que seja apressada a sua publicação, como contribuição às comemorações do I Centenário da Codificação do Espiritismo.

Estado do Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil faz longo e pormenorizado relatório das atividades da Federação Fluminense, consignando notável movimento das sociedades filiadas.

Paraná — O confrade João Ghignone, Presidente da Federação Espírita do Paraná, agradece a acolhida do Conselho e informa que, em seu Estado, é notável o desenvolvimento do Espiritismo, e que espera, em 1957, apresentar uma estatística completa dos adeptos da Doutrina, de todas as sociedades filiadas e suas obras de assistência. Anuncia ainda a próxima inauguração de um monumento a Allan Kardec, a inauguração da Casa da Mãe Pobre, e a uma exposição de fotografias das obras de assistência social, contando já 9 abrigos, 2 hospitais, e 18 casas de assistência aos pobres.

Após a prece final, feita pelo Representante de Sergipe, encerra o Presidente a reunião, às 15 horas e quarenta minutos.

Sanatório Escola de Neuro Psiquiatria Infantil de Itapira

Anexo ao «Sanatório Americo Bairral»

Situado no ponto mais alto e aprazivel da cidade, possuindo excelente clima e com amplas acomodações. Achase aparelhado a receber menores retardados mentais para tratamento, usando meios terapêuticos os mais modernos com escola de recuperação por testes adequados, tais como os de Binet, Simon, Bobertag, Stern, Whipple e outros.

Sob a orientação de médicos especializados.

Dr. Rayneri Galdi
Dr. Achilles Galdi
Dr. Décio Galdi
Cézar Bianchi (Gerente)

Queima de livros heréticos em praça pública

O padre Lineu Maria Bincelli, pároco do Municipio de Timburí, Comarca de Piraju, — S.P., no dia 30 de Setembro deste ano, depois de falar umas duas horas, por alto-falantes, contra o protestantismo e o espiritismo, fez uma fogueira no largo da Matriz, e queimou, depois de rasgados, vários livros das referidas seitas, dentre os quais, também, algumas Bíblias.

Sem comentários... por não serem precisos...

Do Correspondente.

O Padre mandou bater no Bispo

O vespertino carioca «O Mundo», estampou a 29 de Maio cartas e telegramas dos Bispos da Igreja Católica Brasileira Dom Carlos Duarte Costa e Dom Diamantino Costa queixando-se de perseguição do clero romano e pedindo garantias ao Presidente da República. Eis os termos do telegrama do Bispo de Recife a seu colega no Rio: «Procissão romana chefiada padres estrangeiros fez alto frente santuário, os padres açulando os acompanhantes arrebanhados em outros lugares contra Igreja. Chegando momento fotografei acompanhantes sendo agredido pelo Padre Clemente mais três indivíduos dizendo-se policiais e tomando Kodak. Nosso povo acudiu tirando-me das mãos agressores. Grande tumulto e a procissão seguiu desfalcada até a cidade. A família está sobressaltada e convém pedir garantias de vida e bens em virtude das promessas de meu

trucidamento e o do Padre Leoncio. Providências aquí inoperantes».

Eis aí os extremos a que leva a intransigência religiosa. Imagine-se tudo isso em nome de Jesus que era manso e suave como as brisas da manhã na fóz do Capiberibe.

Ambos os credos são católicos e se não se amam é porque um é romano e o outro, brasileiro.

Quando acabarão, afinal, as fronteiras geográficas e as fronteiras do espírito ?

(Do S. E. I.)

NECROLOGIA

Max Kohleisen

A fileira espírita acha-se novamente desfalcada com o passamento de um dos seus mais ardorosos trabalhadores. E' que desincarnou em Piracicaba, no dia 6 de Outubro p.p., o nosso distinto amigo e colaborador assíduo, Prof. Max Kohleisen, defensor e propagandista da Doutrina Espírita e um dos espíritas da velha guarda.

Não tivemos a feliz oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, mas através dos seus artigos, do seu trabalho na seára espírita e da correspondência que com êle mantinhamos, sentindo o calor da sua fé, ficámos plenamente convencidos de que estavamos diante de um verdadeiro seguidor de Jesus e do Espiritismo.

«O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», perdem, com o desincarne dêsse companheiro, um dos seus mais brilhantes colaboradores, pois Max Kohleisen não só escrevia como também traduzia artigos e notícias de atualidade sôbre a Imortalidade da Alma, dos mais conceituados órgãos estrangeiros, com os quais trocava correspondência, sendo tradutor de «Two Worlds».

Max Kohleisen, que desincarnou repentinamente aos 72 anos de idade, era natural de Pelotas, Rio Grande do Sul. Educou-se na Alemanha, possuindo ilustração fora do comum, mesmo não possuindo diplomas. Falava com correção diversas línguas, sendo tradutor juramentado. Gozava de largo círculo de amizade e seu passamento foi bastante sentido nos meios sociais. Dedicou-se há muitos anos à filosofia espírita e era desses elementos de real valor, seja pelo espírito combativo, seja pela real dedicação ao trabalho, seja ainda pela vontade sempre crescente da divulgação evangélica. Aliás, neste terreno, foi de uma atividade grande, jamais esmorecendo, mòrmente na palavra escrita, quer produzindo, quer traduzindo ou levando o sentido evangélico aos corações humildes.

Colaborou nos seguintes periódicos espíritas: «O Clarim», «Revista Internacional do Espiritismo», «A Nova Era», «O Semeador», «Unificação», «A Santa Aliança do Terceiro Milênio», «Mundo Espírita», «A Centelha» e outros.

Era casado com a sra. d. Antonieta Correia Kohleisen, deixando desse consórcio uma filha, a srta. Julinha Kohleisen, bastante conhecida no cenário espírita-filantrópico do Estado.

O sepultamento de seu corpo se deu no dia seguinte, com grande acompanhamento, saindo da residência da família, à rua D. Pedro II, 539, falando no ato do saimento o sr. dr. Walter Radamés Accorsi, presidente da União Espírita de Piracicaba, da qual o extinto era figura de prestígio.

— Pedimos a Jesus que proporcione a este seu servo dedicado, maiores possibilidades de progresso, permitindo-lhe que nos assista nos momentos em que necessitamos do auxílio do Alto para levarmos avante a nossa tarefa cristã.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação e suas provas
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
História de Catarina
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Memórias de um Suicída
Alma Exilada
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Histórias que Jesus contou
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	„ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**